

SERVIÇOS DE DOCUMENTAÇÃO

Capitão-Tenente CÍCERO DOS SANTOS

Do Serviço de Documentação da Marinha

As bibliotecas modernas não são mais um depósito de livros. Do mesmo modo, a Documentação não é apenas um arquivo de velhos alfarrábios avulsos.

Até há bem pouco tempo, as primeiras eram irônicamente chamados de *restaurantes de traças*, onde os livros eram o seu melhor repasto. Raríssimas pessoas as freqüentavam. Umas, por nada terem que pesquisar ou consultar, uma vez que os seus misteres, quaisquer que fôsem, jamais lhes exigiam semelhante acréscimo de trabalho na rotina das suas atribuições. Outras, pela falta de hábito e a tendência natural para suprir a eficácia duma útil e aconselhável busca, pela cômoda e brilhante repetição de informes alheios, a respeito de dúvidas que se perpetuavam sem terem nunca satisfatória solução.

Um Museu era, outrora, em ponto grande, uma *loja de antiguidades*. Sua freqüência se constituía de colecionadores maníacos, de curiosos desocupados ou de fabricantes de "reliquias autênticas", que lhes forneciam tais quinquilharias.

Edifícios mais ou menos espaçosos e de dispendiosa conservação tinham como único atestado oficial da utilidade de suas existências: complexos fichários e volumosos catálogos. Aí se penetrava com a mesma reverência com que se entra nas igrejas em visita aos altares.

Ns bibliotecas havia, pois, por assim dizer, a estagnação das idéias que necessitam de circulação como processo normal de difusão cultural.

Nos arquivos e nos museus, do mesmo modo, sepultavam-se os fatos do Passado que precisam ser revividos de tempos em tempos, a fim de permitir a fixação do equilíbrio entre aquêle e o Futuro, possibilitando aos que os freqüentam, e manejam a Documentação existente, evitar não só repetição dos erros ou desacertos, em se tratando de administração pública ou de investigações científicas, como também proporcionar estímulo e edificantes exem-

plos a todos que, rebuscando documentação histórica, especialmente de origem militar, arcam com o dever de reconstituir fiel e cronologicamente a autenticidade dos fatos passados, na exatidão dos seus cenários.

Tornava-se indispensável despertar no povo o gosto e o interesse pela visita a tais monumentos de cultura. Para isso mais indispensável ainda era a metodização das atividades de tais estabelecimentos.

Com a criação do Departamento Administrativo do Serviço Público, metodizou-se semelhante atividade, instituindo-se cursos de *Biblioteconomia* (1) e uniformizando-se a classificação, a catalogação, a organização e administração, as tábuas classificadoras e a tábua geral alfabética das matérias desta verdadeira ciência que é a Bibliologia, pois já não podemos deixar de assim classificar semelhantes repositórios de conhecimentos humanos, antigos ou recentes.

Tôdas as Artes ou Ciências aí depositam integralmente o resultado das suas conquistas e investigações, no ponto final da última palavra relativa aos seus êxitos ou malogros. Procura-se mesmo ampliar e melhorar tão vasto patrimônio cultural, especializando o que já existe em tão ilimitado campo de experiências e de descobertas.

Para reconstituir a genealogia dum problema, o pesquisador, que encontra ao seu alcance dados e informações insuspeitas, dispõe de mais valiosos elementos e de mais seguras probabilidades de discurrer com exatidão e muito mais corretamente sobre êle, do que aquêle que o faz valendo-se duma fértil e brilhante imaginação.

A documentação já vai mais além do livro, como registro sistemático e atento dos atos públicos de interesse nacional.

(1) Do grego BIBLION (*livro*); OIKOS (*casa*) e NOMOS (*regra*): ciência da organização de bibliotecas ou CASA DE LIVROS.

As mapotecas, pinacotecas, discotecas, filmotecas, etc., desdobram-se e se subdividem, tendo como principal objetivo guardar, com integral fidelidade, o documentário concernente a episódios, pessoas ou lugares cuja exibição em qualquer momento, à luz da História, seja capaz de reconstituir e fixar uma época, por mais remota que seja, com uniformidade e clareza.

* * *

O 1.º Congresso de Arquivistas, Bibliotecários e Conservadores de Museus, reunido na cidade de Havana (Cuba), de 14 a 18 de outubro de 1932, tratou pormenorizadamente dum projeto, tendo em vista metodizar a organização das bibliotecas públicas americanas.

A primeira resolução, unânimemente aceita, foi a seguinte: "Recomendar a todos os países do Caribe que se estabeleça como sistema básico de classificação e catalogação de suas bibliotecas públicas o conhecido por *Sistema Decimal*".

O método de Melvil Dewey, já universalmente conhecido e usado, foi assim recomendado por aquêlê Congresso como sendo o sistema básico a usar nas bibliotecas, conforme propôs o Sr. José Antônio Ramos, Assessor Técnico da Biblioteca Nacional de Havana, membro do referido Congresso e autor dum valioso "Manual de Biblioteconomia" para classificação decimal, catalogação metódico-analítica e organização funcional de bibliotecas, que foi apresentado aos delegados presentes ao aludido Congresso.

A nossa Biblioteca da Marinha adotou, desde 1904, o método Dewey.

Não temos em vista, agora, comentar a técnica do funcionamento das bibliotecas, nem preconizar a prevalência duns sistemas sobre outros, tanto mais que o próprio método instituído por Dewey, se por um lado não tem pretensões de científico, nem apoio histórico em qualquer classificação filosófica, possui, no entanto, a incontestável vantagem de poder receber, dentro do seu próprio fundamento decimal, oportunas inovações, de acôrdo com o progresso obtido em todos os setores de conhecimentos e atividades humanas.

A evolução das idéias democráticas e a divisão do labor humano exigem a biblioteca pública, bem como o conhecimento do seu manejo. Todo trabalho organizado representa cultura, e esta, sendo distinta e variável entre os vários povos, torna ine-

xequível praticamente a universidade de qualquer sistema de classificação bibliográfica.

Podemos comparar o método decima de MELVIL DEWEY, aplicado às bibliotecas, com o idioma internacional neutro, idealizado por LAZARO ZAMENHOF: o Esperanto. Racionalmente estruturados. a fim de poderem receber modificações compatíveis com o progresso da época e dos povos que os adotarem, sem que por isso se desarticulem os fundamentos básicos de um e de outro, resta-nos o consôlo de poder constatar o interêsse e o aproveitamento dos primeiros passos dados na realização dos objetivos dessas descobertas tão importantes e úteis.

Há, porém, um problema muito mais sério que o da organização e funcionamento das bibliotecas públicas. E' o da sua freqüência.

Embora sejam as bibliotecas públicas local para receber pessoas de qualquer classe, é indispensável que exista um motivo qualquer determinante da visita. Os intelectuais são, via de regra, os mais assíduos visitantes. No entanto, talvez não exista nenhum setor de atividade humana, cujos componentes se julguem inatingíveis pela necessidade imperiosa duma consulta à documentação ou aos livros.

As estatísticas de freqüência às bibliotecas públicas demonstram claramente que o nosso povo não tem o hábito de se utilizar dos seus inestimáveis serviços. Os que dêles se valem, geralmente o fazem premidos pelas circunstâncias e é sempre a necessidade que os impele a procurá-los e quase nunca o desejo de ilustração.

Habituamo-nos, poristo, a considerar pitorescamente as bibliotecas como sendo uma Repartição de emergência, isto é, um lugar onde se ministra Pronto Socorro Intelectual a certa espécie de *necessitados*.

Na organização e administração do serviço público, o governo instituiu, na maioria dos ministérios, os Serviços de Documentação, cada um dispondo das secções julgadas indispensáveis às suas finalidades.

A uniformização característica dos serviços oficiais facilita ainda a consulta por parte do público, geralmente mal orientado quanto ao modo de ser servido.

Estas considerações são feitas sob a impressão que nos deixou a palestra do Sr. Ministro do Gra-

balho, Indústria e Comércio, pronunciada no dia 10 de agosto p. p., na "Hora do Brasil". S. Ex., por determinação do Sr. Presidente da República, estabeleceu a modernização da Biblioteca do seu Ministério, sob a orientação técnica do "Bureau Internacional do Trabalho" e cujo representante veio ao Brasil preparar especialistas para atualizar os acordos e resoluções concernentes à questão social, na parte que se refere à legislação trabalhista.

A exposição feita por aquêl titular nos dá a saber que, na Biblioteca do seu Ministério, composta de cêrca de vinte mil volumes, os assuntos bibliográficos, além de se constituírem em séries incompletas, não correspondiam também às modificações introduzidas pelo progresso humano em relação às necessidades sociais.

Foi então determinada a atualização daquela Biblioteca, que terá ainda uma orientação administrativa correspondente. Catálogos, fichários, arumação, acesso aos livros, salas confortáveis para consultas *in loco* e por correspondência, etc., tudo enfim que, num ambiente de simplicidade e eficiência, possa atrair e dar aos consulentes, não somente uma agradável impressão, mas despertar-lhes também o desejo de novas visitas.

Descobrir, pois, a maneira simples e sugestiva de despertar semelhante desejo, constituirá de agora em diante mais uma das preocupações dos administradores do serviço público. Convenhamos desde já em que não é trabalho fácil imprimir no público o gôsto por semelhantes visitas, sem haver, preliminarmente, um motivo ou motivos que lhe demonstrem as vantagens de freqüentar as bibliotecas.

Dois são os principais obstáculos em que se detrá a eficácia de semelhante demonstração. O primeiro consiste, como já dissemos, na ausência de tais motivos, apenas existentes para os que se dedicam aos trabalhos intelectuais.

Não basta, pois, somente, saber ler e escrever. E' indispensável que, da leitura ou da escrita, apa-

reça a necessidade, que tanto pode estar consubstanciada numa dúvida quanto numa suspeita ou, ainda mesmo, na obrigação material ou moral duma consulta a livros ou documentos que não se possui ou que são de dispendiosa aquisição.

O segundo obstáculo reside na inexistência dos meios de atração aos consulentes. As bibliotecas não dispõem dêsses meios, que não faltam, no entanto, nas discotecas ou nas filmotecas, as quais, apesar de ainda incipientes no Brasil, encerram em si mesmas particularidades interessantes, capazes de atrair todos os que procuram relembrar um filme educacional ou científico ou trechos de música clássica ou folclórica.

As pinacotecas, igualmente, na estética da distribuição dos seus quadros e no agradável colorido das suas pitorescas paisagens, bastam para atrair, agradar e satisfazer, até mesmo os analfabetos.

Museus e bibliotecas, porém, não contam ainda com semelhantes recursos atrativos que lhes permitam uma espontânea freqüência. Os que aí vão, já possuem regular ilustração e se buscam os seus recintos e examinam os seus mananciais de enciclopédica cultura é no afã de aprimorar os seus conhecimentos, confirmando-os ou esclarecendo-os.

Entretanto, a intenção oficial, visando retirar as bibliotecas do estado de abandono e de desprezo em que se encontra a maioria das instituições culturais do país, é um sinal promissor do empenho do Govêrno em proporcionar aos brasileiros uma educação mais digna e mais elevada. Estagnando-se as bibliotecas no olvido em que jazem, não suportaremos um cotejo com os demais povos do mundo, se o nosso grau de civilização fôr avaliado pelo quase nenhum valor e atenção que lhes damos.

O conceito, porém, daí derivado, não poderá ser menos do que lisonjeiro, pois cabe aqui êste judicioso pensamento de CAMILO CASTELO BRANCO: "Há uma coisa mais aviltadora do que o desprezo: é o esquecimento".